

Suplemento Cultural

N.º 5

revista paulista de medicina

O físico-mor Justiniano de Melo Franco (notas para uma biografia)

Dr. Duilio Crispim Farina

* *A Brasil Bandecchi, propugnador dos estudos sobre São Paulo d'antanho. A D. Severa Holzinger Rosen, colaboradora preciosa nas pesquisas e cultos de Justiniano de Melo Franco. Ao meu tio Eugênio Melo Franco, possuidor das virtudes de sua grei.*

A Universidade de Goettingen, com seu reputado curso de medicina, abrigara em seus bancos o barão de Langsdorff, mais tarde naturalista e cônsul geral da Rússia, chefe de viagem pelo interior do Brasil, fixada pela pena de Hercules Florence. Em Goettingen estudou Julio Frank, luzeiro de idéias e que passou por São Paulo envolto nas névoas de sua incógnita e de sua dialética. Também lá torna-se doutor na arte Hipocrática, Justiniano de Melo Franco nascido em Lisboa em 1774. Filho do grande médico Francisco de Melo Franco, após clinicar em Hamm, veio para Piratininga, onde foi, segundo Sacramento Blake: diretor do Hospital Militar, Inspetor Geral de Vacinação e Comandante da Companhia de Cavalaria da Guarda Cívica. Criada no dia 8 de setembro de 1822, por iniciativa exclusivamente popular, já no dia 9 recebia confirmação oficial de sua organização pelo aviso de S.A.R., o Príncipe Regente a agradecer muito e muito a lembrança patriótica do Povo desta capital sobre a formação de uma Guarda Cívica que se dispunha a jurar e defender a Independência do Brasil, sua tranquilidade interna e a sagrada pessoa do defensor perpétuo. Tal corpo denominar-se-ia Sustentáculo da Independência e era constituído por uma Companhia de Cavalaria e duas de Infantaria, ca-

pitaneadas, a primeira pelo dr. Justiniano de Melo Franco e as segundas pelo Capitão Antonio Xavier Ferreira e pelo cirurgião-mor José Gonçalves Gomide. (1)

Membro da Academia Real das Ciências de Lisboa, a casa do Duque de Lafões, deixou escritos de valia:

1) Regulamento para o Hospital Militar da cidade de São Paulo, 1820. Blake informa que esteve exposto na Exposição de História pátria de 1880, uma cópia de 37 páginas, in fol. O Regulamento teria sido observado naquele nosocômio.

2) Memória sobre a Vacinação da Província de São Paulo, desde o ano de 1819 até 1826, dedicada ao Visconde de Congonhas do Campo (Lucas Antonio Monteiro de Barros). A mesma exposição mostrou uma cópia de 8 páginas in f. autenticada por J. F. de Toledo, provavelmente Joaquim Floriano de Toledo.

3) Memória sobre a descrição e vantagens de uma cadeira de Obstetrícia de invenção do professor Stein, depois reformada e emendada principalmente pelo professor Oslander. Este título está incluído nas Memórias dos Sócios Correspondentes da Academia Real das Ciências de Lisboa.

À instâncias do capitão-general Oeynhausen e Gravenburgo, futuro Marquês de Aracati, o doutor Justiniano chegou a esta Província de São Paulo a fim de conceber, e o fez em 1819, o plano do Instituto Antivariolico. Uma provisão do Príncipe Regente, expedida em 28 de julho de 1821, conferiu-lhe por nomeação o pomposo título de Juiz Delegado Comissário de Físico-Mor do Reino, em São Paulo.

O barão de Eschwege, em passagem por estas plagas, foi por Justiniano, levado a Oeynhausen e Gravenburgo, a 2 de setembro de 1820, e também acompanharam-no a Ipanema, em visita a Varnhagen, pai. Eschwege, de convívios cordiais, já na Alemanha, descreveu os longos bigodes de Melo Franco, comportamento marcial, sempre de uniforme, sem dar descanso ao cachimbo e morador nos subúrbios, em belo solar. Sua esposa bastante bonita, elegante, orgulhosa e fria. Com ar distante formal, pareceu-lhe não muito feliz.

O Físico-Mor tinha tomado as maneiras e a aparência de um alemão. Andava sempre fardado, médico que era das tropas da Legião de São Paulo, o porte tinha qualquer cousa de marcial, "como se tivesse tomado parte em vinte batalhas". Ostentava espessos bigodes, com o permanente cachimbo a fumar entre os dentes. O cientista retrata-o em sua vida familiar, em formosa chácara no caminho da Penha. Outros a querem logo adiante da Várzea do Tamandua-teí, um pouco afastada dos alagados que só seriam aterrados na gestão profícua de João Teodoro, com o avançar dos anos do século dezenove. Ainda existiam as sete e muitas voltas do rio crismado pelo selvícola, segundo João Mendes de Almeida (in Dicionário Geográfico de São Paulo. Tip. a Vapor Espindola, Siqueira & Comp. — rua Direita 10-A, 1902), para designar àquele que dá muitos rodeios, voltas, ao banhar a cidade de Anchieta pela face leste, a separar as freguesias da Sé e do Brás. O significado é quase o mesmo de Piratininga. (2)

Em casa bela e bem arranjada, Eschwege jantou, achando-se em ambiente



Marquês de Aracati

familiar, onde tudo inclusive a conversa, era em alemão. Observou e gabou a beleza da senhora Melo Franco que pareceu-lhes triste, situação que é muito genericamente atribuída aos riscos do casamento entre representantes de raças diferentes (sic). Ana Carolina, a esposa de Justiniano, era bela e graciosa, verdadeira valquíria renana. Num baile oferecido à sociedade paulistana pelo governador Oeynhausens na data de aniversário de nascimento de d. Pedro I, viu-a dominando, sem contestação, as outras damas: "parecia uma estátua, imponente, tranqüila, vestida com mais gosto que todas. Não dançava, limitando-se a observar o rodopio dos pares, ao compasso envolvente de uma nova dança, a valsa que começava a ter numerosos adeptos". Ana Carolina entendia ser, aquele sistema de rodopiar nos braços dos cavalheiros, pouco discreto para uma senhora, como confessou ao barão, talvez desolado com este excesso de recato. O episódio foi relatado por Friedrich Sommer em seu "Wilhelm Ludwig von Eschwege".

Augusto de Sant'Hilaire em suas andanças pela província teve encontros com o dr. Justiniano. Conversou muito com ele sobre a confusa situação do Brasil naquelas vésperas da Independência, em uma caminhada que juntos fizeram pelas cercanias da cidade. Teve a impressão de que o médico era partidário do príncipe e hostil às Córtes de Lisboa. Parecia também um entusiasta de José Bonifácio, o amigo de seu pai.

Afonso Arinos de Melo Franco afiança ter Justiniano assistido aos últimos momentos do professor alemão Julio Frank, ilustre defensor da liberdade de pensamento cuja ação até hoje se faz sentir na tradição acadêmica, e ainda que "foi em sua casa que se asilou, em 1830, o jornalista Líbero Badaró, grande símbolo do liberalismo oprimido". Ana Carolina de Melo Franco faleceu aos 3 de outubro de 1872, em Rio Claro, deixando sete filhos vivos. No testamento insistia em que se respeitasse sua fé religiosa protestante.

Ana Carolina Overbeck de Melo

Franco viera à luz em 1784 em Kreis Lippstadt, perto de Brillon. Casados em setembro de 1805, ele ainda estudante de medicina, na Universidade Georgiana Augusta. No Registro da Igreja de Sankt Marien, de Goettingen acha-se inscrito o batismo de Elisa, filha do casal e nascida nessa cidade aos 14 de janeiro de 1806.

Os familiares de Ana Carolina provinham de progênie de alta distinção: o progenitor Carl Friedrich Overbeck, a mãe Wilhelmine Duerselen, consorciados em 1779.

Lycurgo de Castro Santos Filho, em sua "História Geral da Medicina Brasileira" aponta-nos que foram Físicomores da Legião das Tropas Ligeiras de São Paulo e do Hospital Militar da mesma cidade Mariano José do Amaral, João Alves Frago, e Justiniano de Melo Franco, filho do afamado médico Francisco de Melo Franco.

Afonso de Freitas nas "Reminiscências Paulistas" apresenta-o como Físicomor, comandante da Companhia de Cavalaria do Corpo Cívico, com 38 anos por ocasião da Bernarda de Francisco Inácio, revidando político desta Província. Entre as deportações, em consequência do desforço Bernardista, encontra-se seu nome ao lado dos Cirurgiões-Mores Francisco Alvares Machado de Vasconcelos, Candido Gonçalves Gomide e José Gonçalves Gomide (do Hospital Militar e Comandante da 2.ª Companhia do Corpo Cívico). Também entre os exilados Antonio da Silva Prado (futuro Barão de Iguape), coronel Joaquim José de Moraes e Abreu, padre-mestre Francisco de Paula Oliveira, padre Manoel Joaquim do Amaral, padre Diogo Feijó, Bento Paes de Barros (futuro Barão de Piracicaba), e muitos mais.

Por esse tempo vivia aqui o médico francês Gabriel André Maria de Plôesquelles, "suspeito de espionagem em proveito de Portugal", autor de epístola, noticiadora dos acontecimentos, ao dr. Manoel Joaquim de Ornellas, representante de São Paulo na Assembléia Constituinte: "o José Gomide saiu faz oito dias para Campinas, o Candido sai muito breve para Iti, o Melo Franco, atrevido um pouco, ocupava-se nestes últimos dias de colher uma assinatura em favor dos despostos, fazendo além disto todo o empenho ao pé dos chefes das tropas para que estes não permitissem a promulgação das ordens pelas quais os desgraçados poderiam regressar em suas casas. Mas vendo que ele não podia chegar a seu fim para uma bernarda a seu gosto, trata igualmente de sair de São Paulo para ir a 200 léguas daqui dirigir uma fazenda que foi do pai". Ao final o dr. Plôesquelles, termina por pedir para si a fisicatura da província depois de aconselhar a demissão de Melo Franco do cargo de Físicomor...

O médico João Batista Líbero Badaró neste burgo foi pioneiro da vacinação antivariólica. Um mês antes de sua morte, o grande liberal dirigiu-se à Câmara Municipal nestes termos:

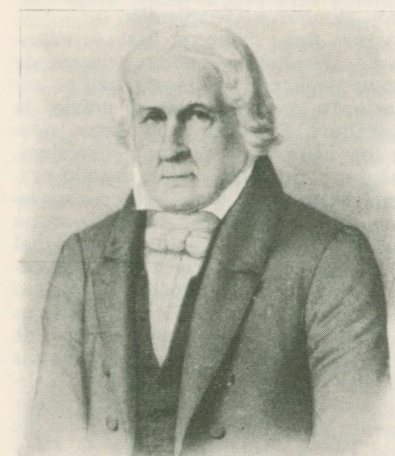
"Ilmos Srs. Persuadido da grande filantropia e do alto zelo com que vossas senhorias querem cumprir com o seu Regimento, persuadido de que os prejuízos do vulgo cessam em face de uma autoridade paternal e tão respeitável como a da Câmara Municipal, tenho a honra de remeter a vossas senhorias dezenas de lâminas de ótimo pús vacínico, por mim coligido nesta cidade a fim de que vossas senhorias as façam distribuir pelas diferentes vilas, que mais necessitem. Pode a Câmara contar que eu não me descuidarei, e continuarei a coleção do pús, portanto, se porventura precisar para futuro ainda algumas lâminas, terei a honra de lhas apresentar. São Paulo, 21 de outubro de 1830".

Entretanto os ferrenhos oligarcas, inimigos do liberalismo de que Badaró era incansável pregoeiro, arquitetam um plano implacável e destruidor. Raimundo de Menezes escreveu que "em dias de novembro de 1830 apeava na freguesia do Brás, na chácara do dr. Justiniano de Melo Franco, o tenente de caçadores Carlos José da Costa, vindo por terra do Rio a São Paulo, especialmente para executar a sentença de morte, sob a promessa de sua promoção a capitão. Não conhecendo o condenado, pediu ao dono da propriedade que um seu filho lhe fosse mostrá-lo. Em seu lugar lhe foi dado como substituto o alemão Simão Stock que de boa vontade se prestou ao papel de cúmplice." Na noite do dia 20 os dois sicários, na rua Nova de S. José, perto da casa de Badaró, de forma despiada cometiam nefando crime, mas os anseios de liberdade ficaram ecoando para todo o sempre em nossa terra: "morre um liberal, mas não a liberdade..." (3)

Nesses dias era ainda de rotina a prática das inumações nos terrenos dos templos e conventos. O cemitério da Consolação somente foi aberto em 1858. Líbero Badaró fez parte de uma comissão escolhida em 1829, para estudar o importante problema urbano dos cemitérios. Dois ofícios da época permitem-nos sentir a marcha dos estudos:

1) Ao dr. Justiniano de Melo Franco — Em consequência de uma exposição que S. Exa. o Sr. Bispo Diocesano houve por bem transmitir a esta Câmara Municipal a respeito da mudança dos cemitérios para longe das povoações e fora do recinto dos templos resolveu a mesma Câmara, afim de se tomarem as necessárias medidas, que se exigisse de facultativos e físicos hábeis a indicação de um lugar ou lugares mais favoráveis, e que ao mesmo tempo menos sujeitos sejam a conservar o ar mefítico, e mais apropriados por sua natureza a consumir prontamente os corpos, para neles se formar um ou mais cemitérios dentro deste Município. É portanto que confiado na filantropia, patriotismo e abalisados conhecimentos de V. Sa. a Câmara espera, que de acordo com o dr. Baptista Badaró, e cirurgião-mor Candido Gonçalves Gomide, queira com a brevidade possível apresentar por escrito a mencionada indicação. Deus

SUPLEMENTO CULTURAL



José Bonifácio

guarde a V. Sa. Paço da Câmara em São Paulo, 14 de setembro de 1829.

2) "Ao dr. sr. João Baptista Badaró — Constando achar-se já nesta cidade o dr. Justiniano de Melo Franco, cuja ausência de certo motivou a demora do parecer que por duas vezes foi pedido por esta Câmara Municipal à comissão de que V. Sa. é digno membro sobre o lugar ou lugares mais apropriados para a fundação dos cemitérios fora da cidade, novamente a mesma Câmara solicita com instância o referido parecer sem o qual não pode o Marechal Müller dar a planta que prometeu. O que espera do seu reconhecido zelo pelo bem público. Deus guarde a Vossa Senhoria". Os enterramentos nas igrejas sempre mereceram reprovação do governo, por ser isso prejudicial à saúde pública.

Em 14 de abril de 1826 o Barão de Congonhas do Campo, presidente da Província, remetia à Câmara Municipal da Vila de Santos uma representação do dr. Físicomor Justiniano de Melo Franco — "afim de que ouvisse em vearança geral, a todos os cidadãos que costumam andar na governança sobre o lugar mais próprio para ser erigido o cemitério que indispensavelmente deve ser feito".

"Ilustríssimo Excelentíssimo Senhor. Tendo-me o governador da Praça de Santos dirigido hum ofício na data de 30 de março do corrente ano que inclusive remeto a V. Exa. no qual me recomendava examinasse o prejudicial costume de se enterrarem os corpos da maior parte dos que morrem na vila, no pátio da matriz a rua do Quartel contíguo à mesma igreja; e desejando eu em uma cousa tão atendível para a saúde destes povos proceder com acerto e exatidão convoquei aos cirurgiões mores do Hospital Militar Salvador Machado de Oliveira e João Baptista de

Oliveira, para que no dia 31 de março fossem comigo fazer o solicitado examine, ao qual tendo procedido se achou o seguinte".

O longo ofício enumerava as conclusões: "estar bem no centro da povoação o pátio onde se enterrão os corpos; o terreno de arenito mui pouco sólido para abrir as sepulturas; os porcos e cães com facilidade cavam o pouco compacto terreno, desenterrando corpos sepultados; o mau cheiro que exala dos sepulcros, obrigando "os moradores a cerrar por longo tempo as suas portas e janelas; terras mal socadas, com frestas e fendas; ossos humanos amontoados na superfície da terra", tão frescos que a eles estavam pegados pedaços de tendões e ligamentos."

Ao dar cores negras ao encontrado recordava que "sem dúvida alguma febres de mau caráter e as câmaras de sangue que todos os anos levam naquela vila tantos indivíduos às sepulturas, tem grande parte de sua origem nesta pestifera exalação que continuamente se desenvolve de um grande número de cadáveres que estão apodrecendo quase à superfície da terra e no meio da povoação". E "em vista das pias e paternais, vistas do chefe de governo, terminaria Justiniano M. Franco o arrazoado, expressando a esperança dos moradores da vila das providências e os meios de os livrar de tão prejudicial abuso, mandando que não se enterre mais ninguém dentro da vila, mas sim em um cemitério, convenientemente distante, bem situado e que para isso se erija".

Em 20 de outubro de 1845 o vice-presidente da Província de São Paulo dirige-se à Câmara Municipal da capital, em ofício para que leve em consideração o trecho do ofício da Comissão Sanitária relativo "à conveniência de se proibir desde já, os enterramentos nas igrejas do recinto desta cidade, como são — Misericórdia, Rosário e Boa Morte".

Dos autos da devassa "ex-officio", após o interrogatório do dr. Badaró, moribundo, pelo juiz José da Silva Merciana, pode-se ler o relatório da necropsia, parte do ofício de 22 de novembro de 1830:

"Presentes os doutores Físicomores das Tropas Justiniano de Melo Franco; Joaquim Antonio Pinto; Francisco Alvares Machado de Vasconcelos; dr. Luis Napoleão de La Plance (francês); João Manoel Lopes de Carvalho Pimentel, deu-se princípio à autópsia cadavérica: acharam uma fenda combusta situada na parte lateral direita da região hipogástrica, quase no fim do músculo piramidal do mesmo lado, tendo três linhas de diâmetro externo, e de profundidade tal que o quarto de bala foi encontrado na parte anterior e lateral

esquerda do osso sacro, por onde se viu que aquele corpo estranho atravessou o abdome da parte anterior à posterior, não ferindo em seu trajeto senão levemente o intestino cólon, porém dividindo um ramo da ilíaca do que se seguiu a morte em consequência da hemorragia interna... Este ferimento produziu no estado fisiológico do paciente um estrago tão eminente que nos primeiros momentos de tal acontecimento logo se apresentaram traços gerais de mortalidade que bem faziam conhecer pelo rosto hipocrático, respiração anelante, que o termo de vida seria o resultado de tal desastre".

Aos 2 de julho de 1825 um "parque de peças de artilharia", de propriedade de Arouche Rendon, em solenidade festiva atroava, inaugurando a Misericórdia da Glória, na Chácara dos Ingleses que fora de Radmaker. Vinha da rua Direita, junto à Igreja da Misericórdia e iniciava trajetória de caridade e benemerência. Por cinco lustros, no dizer de Afonso de Freitas, sentiu o queixume de todas as dores e abrigou as desventuras humanas que se iam confortar sob a égide caridosa e filantrópica da Irmandade da Misericórdia. Mais tarde "deu guarida à república de estudantes e assistiu o desenrolar de todas as loucuras germinadas pelo cérebro incandescente de um grande poeta e as primeiras manifestações de misantropismo doentio de outro desvairedo cultor das musas e notável romanista". Era a república dos incorrigíveis boêmios que foram Alvares de Azevedo, Bernardo Guimarães e Aureliano Lessa.

Em 21 de janeiro de 1826, o então Barão de Congonhas do Campo, Lucas Monteiro de Barros, despachava: "havendo-se oferecido o doutor Físicomor Justiniano de Melo Franco para concorrer com os seus conhecimentos a bem do curativo dos enfermos do Hospital da Caridade, e sendo dignos de todo o louvor os sentimentos filantrópicos que o animam: o Presidente desta Província, aceitando o seu oferecimento, conta que o desempenhará satisfatoriamente. Palácio do Governo de São Paulo" (in Arquivo do Estado).

O despacho comprova a colaboração e as atividades de Justiniano como facultativo da Santa Casa da Chácara dos Ingleses, na Glória.

Justiniano, pelos muitos anos de residência na Alemanha, em estudos, convivências e exercícios da clínica, acrescentados do enlace com moça germânica, logo passou a ter empatias com os filhos da pátria de Goethe e Schiller. Não eram poucos os compatriotas de sua esposa na Paulicéia. Daniel Pedro Muller, "nascido no mar, filho de alemães, educado em Portugal, com boa formação técnica e humanística (fre-

qüentou, como cadete de Artilharia, o Real Colégio dos Nobres), mal chegou à Piratininga, vindo em 1802, como ajudante de ordens do capitão-general Antonio de Franca e Horta, integrou-se no nosso meio". Honório de Sylos autor de sua completa biografia enfatizou ter focalizado, em seu livro (Ensaio d'um Quadro Estatístico da Província de São Paulo), como parte preparatória da estatística, sempre fria, a História de São Paulo, em resumo excelente. Encarregado da construção da estrada do Piques e doutros trabalhos de méritos. Em junho de 1821 no comando do 2.º B.C. restabeleceu a ordem em Santos na sublevação da tropa de linha chefiada por Francisco José das Chagas (Chaguinhas), afinal enforcado na Capital em 20 de setembro de 1821. Havia então ausências de necrópoles. Em 1829 a Câmara decidiu confiar-lhe o projeto do cemitério "distante de qualquer residência". Saint-Hilaire, na praça do Curro (República), viu "o anfiteatro construído de madeira, com bastante gosto", construção atribuída às diretivas do engenheiro Daniel Pedro Muller. O presidente José Cesário de Miranda em 1836 julgou acertado confiar-lhe importante trabalho, plano de estrada de carro, do Cubatão até as povoações "mais consideráveis", a exportar produtos para Santos. O aterro numa distância de léguas levantou-se em terreno alagadiço.

Karl Friedrich Philipp von Martius, em companhia de J. B. von Spix, na Paulicéia encontrou os patricios Príncipe de Taxis, Conde de Wrba e Conde Palfy. O retorno destes, após 8 dias de estadia tem o acompanhamento de Tomás Ender, de posse de rico documentário, fautor do enriquecer de nossa iconografia. Agradável surpresa, para todos, o ter notícia da doutrina de Kant, em tradução de Viller, nos solos da América: conceitos da filosofia alemã, em cultos e lições do mestre Antonio Ildefonso Ferreira. Além da existente no Convento dos Carmelitas, a única biblioteca é a do venerando dr. Mateus de Abreu Pereira, bispo de São Paulo a partir de 1797, até o seu desaparecimento em maio de 1824. Rica em obras históricas, canônicas, velhos clássicos e base de instrução para os jovens seminaristas em seus estudos teológicos.

COLÔNIA DE SANTO AMARO

Aos 8 de novembro de 1827, o visconde de São Leopoldo remete para o governo da Província de São Paulo aviso ministerial. Como tópico principal comunica que Sua Majestade, o Imperador, é servido para que o Vice-Presidente tome as medidas que julgar convenientes para receber e acomodar os Colonos Estrangeiros que, em breve, da Corte sairão para São Paulo, bem como "os mais que sucessivamente lhe serão enviados à medida que forem chegando". Recomendava que na distribuição das terras se escolhessem as mais salubres "não só porque assim o aconselha a humanidade mas porque as vantagens que uns gozarem podem decidir outros

a que venham procurá-las". Deixa ao seu discernimento fixá-las, se o julgar de conveniência, na nova povoação dos Campos do Guarapuava, ou em Vila Nova da Franca do Imperador, ou em qualquer lugar outro que, em conselho, eleger por mais vantajoso. Após exame das terras devolutas de beira-mar ou à margem das estradas o tenente-coronel José Teixeira Cabral opinou pelo alojamento de imigrantes em Iguape; outros por Juquiá e São Vicente.

Em 13 de dezembro, pela galera holandesa "Maria" chegavam a Santos duzentos e vinte e seis colonos. De Bremen, provindos de vários Estados Alemães, embarcavam, sustentados por um contrato de colonização com o Império do Brasil, representado pelo enviado plenipotenciário Jorge Antonio Von Schaffer. D. Pedro I já o havia incumbido de obter soldados para as guerras do sul. Seu destino inicial como hospedaria, o Hospital Militar onde exercia funções o físico-mor dr. Justiniano de Melo Franco, logo nomeado diretor da colônia. Suas incumbências de larga amplitude: representar os colonos, receber queixas e sugestões, realizar o pagamento dos subsídios, guiá-los em suas pendências, auxiliar o governo na escolha do local de instalação da Colônia, manter a disciplina enfim tutelar os imigrantes.

A instalação da Colônia destinou-se a região do Quilombo, além de Itapeirica, em sertão indevassado, com intento de chegar-se às cabeceiras do rio São Lourenço.

Diligente e dedicado, Justiniano sedia-se na aldeola de Itapeirica, transferindo para lá a maior parte dos alemães. Os locais onde assenta residência era chamado de quartel. Em 9 de abril de 1828 comunicava ao presidente da Província a entrada no sertão do Quilombo, iniciando a estrada o trabalho de duzentos e trinta e sete homens, e como médico, desejoso de prestar assistência clínica, solicita o envio de medicamentos relacionados em lista minudente, a abarcar as futuras necessidades.

Logo àquelas "terras ingratas e estéreis, cobertas de matas virgens, localizadas em local servido por péssimos e escassos caminhos", chegam mais trinta e nove imigrantes no bergantim "Paquete do Rio", e mais oitenta e nove na sumaca "Santa Delfina" e ainda cento e setenta e cinco pelo navio "Helena" e sumaca "Rocha".

O diretor da Colônia teve de desdobrar-se para cumprir as cláusulas contratuais: sustentar por ano e meio os colonos, fornecer-lhes gado vacum, cavalos e lanígero, que reembolsariam ao país, em espécie ou dinheiro, quatro anos depois; ferramentas e sementes; direito a escolher terrenos que, cultivados, seriam de sua pertença; isenção de tributos quaisquer por oito anos.

Como retribuição, o pegar em armas, quando o país fosse atacado; os filhos, como brasileiros, sujeitos ao recrutamento. Cada colono teria médico, pároco ou pastor.

Por não haver "terras boas e sobejas" no Quilombo o marechal de campo José Arouche de Toledo Rendon atendeu aos conselhos de Justiniano e permite o encaminhamento para as aldeias de Mboy (Embú) e Carapicuíba.

A saga tinha começos. Fazia-se necessário "agriculturar os matos virgens de grossas madeiras, pois urgia que se ensinasse "o método suave, e prévio da Agricultura Européia para rotar, adubar os campos maninhos". Percalços, desânimos, querelas, motins, a tudo vencem Justiniano de Melo Franco e os labores dos germânicos. Inscrevia-se na Gesta Paulista esse capítulo primordial de aculturação e miscigenação: a gênese da Vila de Santo Amaro. O preclaro historiador Edmundo Zenha fixou os episódios marcantes do seu evoluir, de forma completa e minuciosa. Cabe-nos salientar o comando, a disciplina, o delinear das metas realizadas pelo, injustamente hoje esquecido, Justiniano de Melo Franco. Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, futuro regente do império, em 18 de outubro de 1828 em pronunciamento do Conselho da Província na questão da Colônia Alemã, ratifica o pensar de Melo Franco: fossem a eles destinados os campos entre Santo Amaro e São Paulo "os quais conquanto ruínas, produziram bem com o auxílio do arado e do esterco".

A referência à freguesia de Santo Amaro — como acentua Zenha, local para a Colônia, é a primeira vez que aparece inscrita nos documentos... Afonso de Freitas enalteceu que à insignificant freguesia de Santo Amaro em 1828, coube o histórico papel de ter sido o lugar de São Paulo onde primeiro se instalou uma Colônia de imigrantes.

Daniel Pedro Muller publica em 1838 seu "Ensaio d'um Quadro Estatístico da Província de São Paulo" (Tip. de Costa Silveira, rua de S. Gonçalo n. 14). Enaltece os feitos e as decorrências do trabalho dos pioneiros. Se em 1794



Libero Badaró

SUPLEMENTO CULTURAL

a população andava pela casa dos dois mil agora (1838) orçava 5431 habitantes oriundos de 1031 fogos. A escravaria era numerosa. As casas sólidas, algumas grandes, de senhores ricos. O sobrado, em frente à igreja, pertencia a pessoas ligadas à melhor nobreza da Província. Paulo Eiró em Santo Amaro será nado. Dos moradores saiu um ramo que, em Campinas, daria os Campos Sales. Um número razoável de chácaras cerca a povoação. Entre elas a de Francisco Antonio das Chagas, a antiga Chácara do Nardy e a do pai do futuro Barão de Tietê. Homens de prôl e de sabença ligam os seus nomes à empreitada: José Carlos Pereira de Almeida Torres, Manoel Joaquim Ornellas, D. Manoel, bispo diocesano, José Arouche Toledo Rendon, Bernardo José Pinto, Gavião Peixoto e Rafael Tobias de Aguiar. Mas, a todos sobrepuja o inclito Justiniano de Melo Franco: em tudo nota-se o zelo a faina, os cuidados, a perquirir necessidades e solicitar atendimento. Teófilo Schmidt será o sucessor, sem antes deixar de contestar metas e rotinas: "está aparecendo na sua inteira posse dos direitos despóticos, trata os colonos sem responder a justiça nem dar a menor conta de seus fatos". Modismos do tempo, conseqüência de personalidade acostumada ao mando, esse o feito de Melo Franco.

Finalmente em 15 de junho de 1830, chega ao termo a missão de instalar os primeiros colonos em São Paulo: "cumprindo com as ordens de V. Excia., deixei ao sargento-mor Comandante da Freguesia de Santo Amaro as instalações e esclarecimentos que me ocorrerão e julguei necessário, prevenindo-o que qualquer dúvida que se apresentasse, sobre a que não pudesse decidir, se dirigisse a mim para lhes prestar as precisas informações. Revendo todos os papéis pertencentes à Colônia, nenhum achei que deva ser entregue a essa Secretaria tendo já por ordem do Exmo. Sr. Presidente feito entrega de relações gerais, sendo os outros papéis, ofícios, ordens, despachos do Exmo. Governo, e que são a todo o tempo meus documentos. Tendo ultimado a comissão de que me achava encarregado, julgo do meu dever apresentar-me ao Exmo. Sr. Comandante das Armas desta Província para entrar no Serviço do meu Emprego, se V. Exa. assim m'o permitir. Deus guarde a V. Exa. por muitos anos".

Assistiu-se ao seu retorno ao Hospital Militar. Havia cumprido com seu dever e a missão que em boa hora, muito boa hora lhe fora confiada.

O dr. Jorge Tibiriçá, então Secretário dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas em seu Relatório apresentado ao presidente do Estado em 4 de abril de 1893 sob o título "Colonização Oficial em São Paulo, de 1827 à 1892", assim se exprime:

"a vista dos receios de Melo Franco de embrenhar colonos europeus em sertão desconhecido, resolveu o Conselho do Governo da Província, comprar dois cultivados a Joaquim Machado, com a quantia correspondente a 8.ª parte do subsídio dos colonos que requeressem para aí ser fundada, provisoriamente, a colônia ficando assim abandonada a idéia de fixa-los no sertão do Quilombo entre Itapeirica e Cotia — "Em 29 de junho de 1829 receberam lotes 91 famílias das que concorreram para a compra dos cultivados e daí data a fundação da colônia de Santo Amaro hoje próspera vila nos subúrbios desta capital.

"Caminhavam assim as primeiras tentativas para o povoamento do solo, quando em 19 de julho de 1830, foi por uma portaria do Ministério do Império suprimido aos colonos o subsídio a que se obrigava o governo pelo contrato de 20 de agosto de 1827 medida esta que, reunida a Lei de 15 de dezembro de 1830, sob o Ministério do Marquês de Paranaguá, que proibia em todas as províncias do império despesas com a colonização estrangeira, veio não só paralisar esse serviço como também desorganizar o pouco que se havia feito. Privados do auxílio do governo, o que para muitos trazia a miséria, entregando-se à vadiagem, abandonaram as colônias e grande número requereu passagem para outras províncias, o que foi concedido".

Jacinto Ribeiro, tinha notícia de que estes apontamentos foram extraídos de um trabalho inédito confeccionado pelo dr. Argemiro da Silveira quando de sua passagem pela Inspetoria Especial de Terras e Colonização.

RAIZES FAMILIARES

João de Melo Franco, fundador da família no Brasil, deitou raízes em Paracatu no auge da mineração. Natural de Bucelas, patriarcado de Lisboa, filho de José da Costa Franco e de sua mulher Paula Maria de Melo. Em meados do século XVIII já está no Rio de Janeiro, em passagem para Sabará e Paracatu onde residia em 1757. Adquire a fazenda do Fundão, reunindo vasto cabedal em 1760, propriedade do padre Marcos Freire de Carvalho, malgrado em penetrações auríferas. De João de Melo Franco, homem bom, com nome inscrito nos "livros da nobreza" da Câmara, veio linhagem ilustre em Minas, em vértices neste século com Afonso Arinos, Virgílio, Afrânio, e Afonso Arinos de Melo Franco.

Pohl, o viajor e cientista, deu com os costados no Fundão, pelo caminho de Goiás, tendo partido de Vila Boa, e transposto a chapada de São Marcos, as cabeceiras do Boa Vista, a serra do Bom Jardim, de cujo tope deslumbrou-

se com o panorama sem lindes para os lados de Minas: "encontrei-me no arruinado engenho do defundo Melo, o qual dista dez léguas, tanto de Paracatu quanto do registro de São Marcos".

Abrigou-se num paiol de milho e anotou: "este engenho que pertenceu ao pai de Melo Franco, médico do rei, fica na confluência do Córrego Boa Vista com o Córrego Januário; está quase em ruínas e deve antigamente ter sido um belo edifício". Pohl conhecia o dr. Francisco de Melo Franco, pois com ele fora partícipe da comitiva da princesa Leopoldina, noiva do príncipe d. Pedro.

Francisco, filho de João de Melo Franco (falecido em 1796), chegou ao Rio de Janeiro, em 1817, vindo da Europa para transformar-se em médico da Corte. Nascido em Paracatu aos 17 de setembro de 1757 teve esmerada educação: seminário de São Joaquim, no Rio; curso de latim e retórica, com o famoso Pedro José da Fonseca, professor do Colégio Real dos Nobres e autor do renomado Dicionário Português e Latino (1771); estudante de filosofia em Coimbra (1776); e matriculado na Escola de Medicina (1777).

O curso médico do jovem mineiro, mal iniciado, foi interrompido por grave episódio, processo e condenação pelo Santo Ofício a quatro anos de recolhimento em Rilhafoles como "herege, naturalista, dogmático, negador do sacramento do matrimônio e culpado de ensinar à sua concubina que não era possível que, por comer o pomo, pecasse o homem, e fosse expulso do Paraíso pelo Anjo". Apegado às idéias políticas da época, ledor devoto de Voltaire, Rousseau, admirador apaixonado das doutrinas dos enciclopedistas viu-se preso nas masmorras, nas garras do Tribunal. Em sua companhia foi encarcerada uma senhora pelo "amoroso crime de contra ele se negar a depor, a mesma a quem o pretense delinquente inculcava suas desabusadas convicções sobre o sacramento do matrimônio".

Pouco depois da soltura em 1782 casa-se com a companheira de cativoiro Rita Alvarenga de Castro e segundo Pereira da Costa um dos biógrafos de Francisco, pertencente a destacada família de Coimbra. Aviso régio dá-lhe permissão para o retorno à Universidade, onde termina o curso médico em 1786. Foi quando "ousou lançar sobre o austero templo da sabedoria lusitana um impacto de azedume e escárnio: o poema satírico O Reino da Estupidez". Alguns de seus biógrafos entenderam ter recebido a colaboração do aluno do curso jurídico, José Bonifácio de Andrada e Silva. O perpassar dos anos em militâncias médicas apreciadas e labor intelectual jamais interrompido, leva-o à médico da Real Câmara



niano recebeu os santos óleos do batismo o filho Carlos Augusto, nascido aos 22/8/1819, sendo padrinhos João Carlos Augusto d'Oeynhausens e D. Genebra de Barros, viúva do Brigadeiro Luis Antonio de Souza.

Justiniano e Ana Carolina tinham as melhores relações com as famílias gradas da Província Paulista. João Carlos Augusto d'Oeynhausens Gravenburgo (Visconde com grandeza e marquês de Aracati) nasceu em Lisboa e faleceu em Moçambique em 28 de maio de 1838. Filho do Conde de Oeynhausens Gravenburgo, na Áustria, Ministro de Portugal na Corte de Viena e de sua mulher d. Leonor de Almeida Portugal (4.^a Marquesa d'Alorna, 6.^a Condessa de Assumar e Condessa de Oeynhausens Gravenburgo). Aracati fez a campanha Peninsular como capitão. Veio ao Brasil como governador do Paraná e Rio Negro. Ajudante de ordens do General Gomes Freire. Brasileiro, ex-vida Constituição, foi o segundo governador do Ceará em 1802, 8.^o Governador da Capitania de Mato-Grosso de 1807 à 1818

e Governador e Capitão General da Capitania de São Paulo, de 1819 à 1821. Brigadeiro do Exército em 1820, ministro das Relações Exteriores e da Marinha no Gabinete de 1827 e novamente no Gabinete de 1831, quando renunciando aos direitos de brasileiro aceitou o lugar de governador e Capitão-General de Moçambique em 1836 onde morreu. Visconde com grandeza por decreto de 12 de outubro de 1824 e Marquês pela de 12 de outubro de 1826.

Na qualidade de governador de Mato Grosso, João Carlos Oeynhausens designou o cirurgião-mor da capitania para elaborar o plano de estudos ou estatuto de "Aula de Anatomia e Cirurgia de Vila Bela". Segundo o Barão de Melgaço, Augusto Leverger, "existindo (em 1808) no cofre, sem destino, fundos do subsídio literário o Governador resolveu aplicá-los à fundação de uma aula de anatomia e cirurgia, que mandou abrir no dia 15 de agosto, em que se festejou a chegada de sua majestade".

Foi escolhida Vila Bela, e não Cuiabá, para sede da Aula de Anatomia por

serem mais graves os seus problemas de saúde. A capital de fato já se transferia para Cuiabá, por ter maior salubridade.

Em 22 de novembro de 1820 outro filho do casal Ana Carolina-Justiniano, nascido em 10/5/1821 teve como padrinhos o Coronel Francisco Inácio de Souza Queiroz (o famoso chefe da Bernarda de Francisco Inácio) e d. Francisca Miquelina de Souza Queiroz, sua esposa. O vigário foi Joaquim José Roiz. Ainda em 17/4/1822 recebeu o batismo, "in artículo mortis" a filha Maria Paulina, sendo padrinhos o cirurgião-mor Manoel José Xavier e Elvira de Melo Franco.

O **Brigadeiro Luis Antonio de Souza Macedo e Queiroz** (1760-1819) e sua mulher **d. Genebra de Barros Leite** tiveram os seguintes filhos: Ilídia Mafalda, Francisco Antonio, Barão de Souza Queiroz (Senador do império), Luis Antonio, Vicente (Barão de Lucena), **Francisca Miquelina**; a mais velha que se casou com seu primo-irmão Coronel Francisco Inácio e Maria Inocência.

George Dumas - grande amigo do Brasil

Prof. A. C. Pacheco e Silva

VIII

Andou bem a Sociedade Franco Brasileira de Medicina de São Paulo ao decidir prestar uma homenagem à memória de Georges Dumas, por ocasião do décimo aniversário da fundação desta entidade, que devemos, à feliz iniciativa do nosso saudoso e sempre lembrado Prof. Cantídio de Moura Campos.

Ao lado dos muitos predicados a projetarem a figura excelsa de Georges Dumas, no campo das ciências humanas e normativas, uma circunstância toda especial toca fundo a nossa sensibilidade — a de ter sido ele um dos maiores, senão o maior amigo que o Brasil tem tido entre os franceses.

Aqui esteve o grande Mestre por dezoito vezes, numa época em que as viagens marítimas exigiam considerável perda de tempo, maxime de um professor universitário, extremamente cioso no cumprimento de suas obrigações.

Tal era, porém, o apego de Georges Dumas pelo Brasil, que não perdia ocasião para vir até cá. E, segundo ele próprio, aqui vinha sempre com a maior alegria, deslumbrado pela nossa natureza, encantado com a cordialidade dos brasileiros, entre os quais contava tantos amigos e admiradores.

(*) Conferência realizada na Sociedade Franco Brasileira de Medicina de São Paulo, a 28 de julho de 1980.

Insistia Dumas, também, nas grandes afinidades existentes entre a França e o Brasil, ambos com raízes latinas, apegados ao humanismo.

Não é fácil, porém, devo assinalar desde logo, resumir em poucas palavras, quem foi esta figura extraordinária de homem — pensador, cientista, filósofo, psicólogo, escritor e professor — dos mais destacados que a França tem possuído.

Autor de numerosíssimas monografias, compêndios e tratados, particularmente sobre psicologia, filosofia, psiquiatria e sociologia, o seu nome projetou-se em todo o mundo, justamente considerado como um dos maiores nas ciências a que se dedicava.

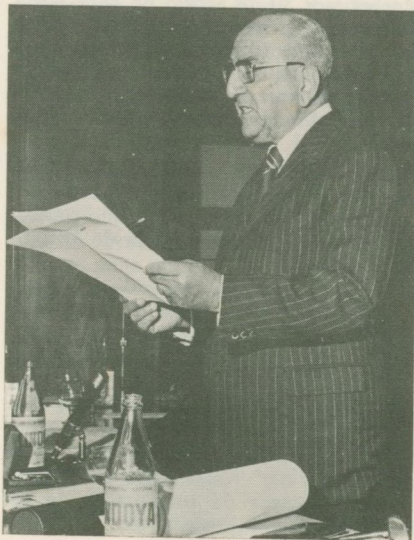
Possuidor de grande erudição, didata notável, apegado ao sistema cartesiano, tudo quanto brotava do seu cérebro privilegiado, ou saía da sua pena única, era claro, límpido e preciso, não obstante tratar-se de assuntos transcendentes, extremamente complexos, a exigir, não só profundos conhecimentos, como rara capacidade de síntese.

Nasceu Georges Dumas a 6 de março de 1886, em Ledignan (Gard), vindo a falecer a 1 de fevereiro de 1946, na mesma terra que o viu nascer, por desejo manifestado por ele próprio, já em seus últimos dias de vida, quanto tudo dispôs com a maior lucidez e grandeza d'alma próprias de um espírito forte.

Ao exalar o seu último alento, tinha ele ao seu lado a sua dedicada e exemplar esposa D. Aimée, que dele jamais se separou por um só dia que fosse, com ele compartilhando da mesma estima e admiração pelo nosso país.

Georges Dumas cursou a Escola Normal Superior, sentindo-se logo atraído pela filosofia, pela psicologia, pela sociologia e pelas letras, seguindo vários cursos das disciplinas de sua predileção.

Em 1900, coube-lhe defender, o que



SUPLEMENTO CULTURAL

fez com raro brilhantismo, a sua tese de doutoramento em letras, intitulada "La tristesse et la joie". Este trabalho, não obstante elaborado por um jovem desconhecido, teve grande repercussão nos meios científicos internacionais, onde se cultivam as ciências humanas, constituindo um dos primeiros e maiores passos da sua gloriosa carreira.

Ao abordar os dois sentimentos antípodas da alma humana — a tristeza e a alegria, o autor desta tese monumental, revelou-se um observador genial, capaz de divisar aspectos novos, em questão que já havia merecido a atenção dos antigos sábios da Grécia, cuidada que foi, também por sucessivas gerações de investigadores.

Em 1902, Georges Dumas ingressa após memorável concurso, na Faculdade de Letras, da célebre Sorbonne, onde não tardou a revelar os predicados exigidos de um mestre na extensão da palavra, digno de pertencer àquele cenáculo, onde tem pontificado os maiores lumináres da França.

Logo depois, em 1905, Dumas publica outro alentado trabalho, de grande fôlego, sobre a psicologia de dois mesias positivistas — Augusto Comte e Saint Simon, abordando, com rara maestria, um assunto polêmico, a despertar grande interesse nos meios científicos e políticos, porquanto tratava-se de uma completa e cuidadosa revisão da história do socialismo, que já começava a despertar naquela época grande atenção do mundo.

A Dumas coube reivindicar para Saint-Simon a primazia de ter alcançado, na França, há mais de um século, as bases fundamentais do socialismo, objeto de verdadeiro culto por parte dos operários do seu tempo.

Estudioso do Positivismo, que já não contava mais, naquela época, com tantos adeptos, Dumas fica grandemente surpreendido, ao chegar pela primeira vez, ao Rio de Janeiro ao deparar com a "Igreja Positivista do Brasil", fundada por Miguel Lemos, zelosamente mantida por Teixeira Mendes e outros cultores do catecismo de Augusto Comte.

Em março de 1917, a guerra prosseguia sem quartel, havia já três anos. Os soldados franceses, debruçados nas trincheiras, defendiam arduosamente, palmo a palmo, o território pátrio, sem desfalecimentos, contra um inimigo implacável e bem armado.

O número de médicos franceses escasseara enormemente, tantos foram os que tombaram nos campos de batalha. Havia necessidade premente de buscar recursos em outros países, já que a França exausta não tinha mais para quem apelar.

Foi quando Georges Dumas, diante dessa situação verdadeiramente angustiosa, teve a feliz idéia de recorrer aos seus colegas brasileiros, fiéis amigos da França, convencido de que eles não

deixariam de atender ao seu apelo. Deu disso conhecimento ao Governo Francês que não só concordou com a sua sugestão, como ainda o designou como emissário encarregado de vir ao Brasil a fim de estudar a possibilidade de receber o concurso da classe médica brasileira. Esta atendeu prontamente ao pedido formulado por Dumas.

Foi, assim, constituída a Missão Médica Brasileira, que embarcou logo para a França. Antes de lá chegar, porém, sofreram os seus componentes as primeiras perdas, com a morte de alguns colegas vitimados pela terrível gripe espanhola, contraída em porto africanos, onde o navio tocara anteriormente, para se reabastecer.

O saudoso professor Benedito Montenegro, um dos seus mais destacados integrantes fez, nesta Sociedade, pouco tempo antes de falecer, uma brilhante conferência, historiando os relevantes serviços então prestados pelos médicos brasileiros. Fundaram eles em Paris, o Hospital Vaugirard, posteriormente cedido a Universidade de Paris, que nele instalou uma das Clínicas Cirúrgicas da Faculdade de Medicina.

Dumas jamais esquecerá da forma dedicada pela qual os seus colegas brasileiros acudiram ao seu apelo e dos inestimáveis serviços por eles prestados à França.

Muitos anos depois, ao recordar comovido esse fato, o fazia sempre com os olhos umedecidos, profundamente reconhecido pelas grandes provas de amizade por eles reveladas, em momento tão difícil para a França, prontos a qualquer sacrifício.

Restabelecida a paz, vitoriosa a causa sagrada da França heróica, Dumas retoma as suas atividades na Sorbonne, dando especial desenvolvimento à psicologia experimental, cadeira por ele criada, contando com a colaboração inestimável de muitos discípulos dedicados, entre os quais se destacava Henri Pieron, seu sucessor na cátedra por ele fundada.

Em reconhecimento aos grandes serviços prestados à Medicina foi Dumas recebido, com todas as honras, em 1926, na Academia de Medicina de Paris.

Logo depois coube a Academia de Ciências Morais e Políticas abrir-lhe as portas daquela célebre entidade científica, em virtude das suas valiosas contribuições nos domínios das ciências nela cultivadas.

Aposentado em 1936, o grande mestre não deixou, entretanto, de continuar as suas atividades, ditando cursos, proferindo conferências do mais alto nível, contribuindo, com suas luzes, para o progresso das disciplinas psicológicas, justamente apontado como uma das maiores sumidades nesse campo. Foi ele o autor de um "Tratado de Psicologia", em seis volumes, escrito com a colaboração dos seus discípulos, que é ainda

hoje de consulta obrigatória de todos quantos se dedicam a esse importante ramo das ciências, considerada como uma das mais importantes no gênero.

Nas sucessivas viagens feitas por Dumas ao Brasil, onde contava com grande número de amigos e admiradores, teve ele ocasião de fundar no Rio de Janeiro e em São Paulo, liceus franco-brasileiros e institutos de alta cultura, os quais tanto tem contribuído para elevar o nível cultural e intelectual do nosso povo.

Pierre Janet, outro grande mestre, amigo sincero do Brasil, que visitou por mais de uma vez, aqui pronunciando conferências, atribuía a grande amizade que Dumas votava ao Brasil ao fato de ter ele nascido no coração da França: "Tem-se procurado explicar, o grande apego de Dumas pelo Brasil ao fato de ter ele nascido no meio dia da França, perto de Nîmes, conservando em suas maneiras e no seu caráter, algo que se conciliava com o espírito meridional da América do Sul".

Gustavo Roussy, em sessão, em homenagem à memória de Georges Dumas, promovida pelo Grupo das Universidades e Grandes Escolas da França para as Relações com a América Latina, disse: "Ao evocar a vida e a obra de um filho que a serviu e generosamente à cultura humana, toda inteira, não há nisso nenhum orgulho para a nossa pátria, ao relembrar que ela pode, de permissão a tantas proações, reivindicar de direito esta primazia espiritual, a dos trabalhos e das pesquisas que Georges Dumas foi, por muito tempo, o autor, o mensageiro assíduo e o obreiro exemplar".

Miguel Osório de Almeida, um dos seus discípulos mais ilustres e dedicado colaborador, também participou das homenagens póstumas que lhe foram prestadas, dizendo: "Nesta sessão consagrada a memória de Georges Dumas procurarei dizer-vos, em breves palavras, o que foi a obra de aproximação entre a França e o Brasil por ele realizada, sem desfalecimentos durante mais de trinta anos. Não poderia eu fazê-lo, sem grande emoção, pois que Georges Dumas conhecia profundamente a alma brasileira, tanto assim que soube sempre expressar os nossos sentimentos, ajudando-nos singularmente, a encontrarmos a nós mesmos.

Um dia, compreendeu-se, no Brasil, não ser mais possível considerá-lo como um estrangeiro. Foi-lhe, então, concedido o título de cidadão do Rio de Janeiro. Passando a pertencer, permiti que eu vos diga, à minha cidade natal, que ele amava como só os cariocas sabem amar".

Não foi porém, apenas, a cidade do Rio de Janeiro a merecer grande estima do saudoso mestre. A São Paulo, dedicava ele também particular afeição, não deixando, sempre que vinha ao Brasil,

de nos visitar. Tinha aqui grandes amigos, que com ele entretinham assídua correspondência cooperando ativamente na obra de aproximação cultural entre os dois países.

Paul Rivet, diretor do "Musée de l'Homme", seu dedicado colaborador na tarefa de fazer sentir, entre nós, a presença espiritual da França, e de levar o nosso país ao conhecimento dos franceses, traçou com muita propriedade o perfil admirável daquela grande figura, ao dizer: "Dumas era um bom, de uma bondade clarividente e perspicaz, feita de indulgência e de tolerância; era indulgente porque procurava compreender e analisar o seu interlocutor. Era tolerante porque sabia que cada homem pensa de boa fé, julgando-se dono da verdade e ter perfeita noção da relatividade dessa afirmação. Racionalista fervoroso, respeitava a fé alheia e a opinião de outrem, mesmo quando não obedeciam as regras estritas que o seu julgamento lhes ditavam. Amava ele os homens, todos os homens, apesar das suas fraquezas, seus passos em falso, dado que amava, acima de tudo, o espetáculo emocionante da humanidade, onde todos egoísmos, todas as ignorâncias, todas as pequenices dos indivíduos são compensadas, submergidas de certo modo pela coragem, pela ciência e pelo gênio de uma minoridade de pensadores, de heróis ou de mártires.

Raymond Ronze, teve também, palavras repassadas de saudades ao relembrar aquela figura singular, a merecer aqui reproduzidas: "Todos que o conheceram — e foram tão numerosos — amavam Georges Dumas. E ele mesmo

honrava com a sua amizade, tanto os mais ilustres, como os mais humildes. Era o bastante com ele conviver, para ser sincero e amar o trabalho. O sábio conquistava corações e mereceu, assim, que a sua lembrança viva pairasse sobre tantos povos do além Atlântico, porque era um bom.

Os brasileiros o consideraram um dia Embaixador da França no Rio. Ele recusou tamanha honraria oficial. Mas continuou como Embaixador do pensamento francês, no Brasil e em toda a parte.

Amanhã, homenagem bem digna da delicadeza brasileira, uma escola do Rio receberá o seu nome. Este embaixador não se limitou a realizar uma grande obra, para criar um método: a diplomacia e a amizade, o único que convêm a povos irmãos. E, é por isso, que nesse domínio, como no da ciência, será ele um mestre" concluiu Ronze.

São Paulo, particularmente, tem para com a memória de Georges Dumas uma dívida de gratidão a saldar.

Quando o saudoso Armando de Salles Oliveira, fundou a Universidade de São Paulo e criou, por sugestão de Julio de Mesquita Filho, a Escola de Filosofia, Ciências e Letras para integrá-la, Georges Dumas, foi quem se encarregou, a pedido do nosso Governador, de escolher os professores franceses que deveriam ser contratados para reger as novas cadeiras. E, ele o fez com tal cuidado, amor, conhecimentos e experiência, que os escolhidos constituíram a fina flor da intelectualidade gaulesa, que formara, entre nós, uma verdadeira escola de filósofos, sociólogos, psicólogos,

gos, pesquisadores e cientistas, a elevar o nome da nossa Alma-Mater. Entre eles, permito-me recordar os nomes dos seguintes professores: Prof. Emile Coornaert, que ocupava a cátedra de História da Civilização da Escola de Altos Estudos, da Sorbonne; Paul Arbousse Bastide, professor de Sociologia da Universidade de Besançon, que permaneceu muito tempo entre nós, aqui realizando trabalhos notáveis, Roberto Garric, da Faculdade de Direito de Lille e da Sorbonne, professor de Literatura Francesa; Pierre Deffontaines, professor de Geografia do Instituto Católico de Lille e de Paris; Ettiene Borne, professor de Filosofia e Psicologia da Universidade de Paris; e Michel Berveiller, professor de Literatura Greco-Latina da Universidade de Paris".

Tive a rara fortuna de assistir, em 1920, a uma série de conferências proferidas por Georges Dumas, na Sorbonne, em Paris. Desde aí passamos a ter por ele grande admiração, entretendo relações de amizade com o grande mestre, que o tempo se encarregou de estreitar cada vez mais.

Foi por isso que, com a maior satisfação acudimos ao generoso convite do presidente Dr. Alexandre Médicis da Silveira, que tanto tem contribuído para o brilho e o desenvolvimento desta entidade, para aqui proferir algumas palavras de saudades à memória do inesquecível Georges Dumas, que bem merece ter o seu nome sempre lembrado por nós todos, em testemunho do maior reconhecimento pelo muito que ele fez em favor das relações culturais entre a França e o Brasil.

Anchieta e a Medicina

Dr. Duílio Crispim Farina

gério às almas e lenitivo às chagas de muita boubá.

A Triaga amenizou muita peste, muito escorbuto e muita carne ulcerada pela corrosão e pela flecha do gentio.

Passam os anos, os séculos e a crônica inscreveu na gesta de São Paulo homens e fatos, nomes e exemplos de dedicações e renúncias sem par. Tudo começou com Anchieta e veio a terminar num apostolado não menos grandioso e meritório com Arnaldo Vieira de Carvalho, príncipe da cirurgia, condestável da Medicina Paulista e fundador da Faculdade de Medicina de São Paulo. Lancetas, bisturis, beberagens, teriagas exprimem a doutrina cristã e a doação ao próximo, herdadas dos primeiros dias da nacionalidade portuguesa e das primeiras jornadas nos Brasís.

A arte de curar rudimentar e quase falta de recursos, nos primeiros tempos, teve como artifícios os inacinos da Companhia de Jesus. Sotainas pretas chegaram logo após os descobridores. Índios e colonos tiveram os padres de Jesus à cabeceira como médicos, enfermeiros e boticários.

SUPLEMENTO CULTURAL

Já em 1563 a peste, espécie de varíola, "de qualidade muito brava", penetrou na vila. "A começar pela garganta e pela língua, cobria-se o corpo inteiro de uma como lepra".

Apodrecidas, as carnes se destacavam, lançando intolerável cheiro e criando gusanos. Morriam os enfermos em três ou quatro dias. Combatiam a doença horrenda com sangrias e "também cortando toda a carne, e depois lavando o corpo com água quente". O próprio Anchieta relata o fato de muitos terem recobrado a saúde com estas práticas.

Também como os antigos navegantes iriam os Jesuítas passar ainda além da Taprobana.

Nos distantes rincões de Goa, Diu e Damão, no Ceilão, Macau, Japão chega a catequese e a conversão dos gentios vai permitir ao Governo reinol, uma integração política e social fundamental para a unidade das colônias. O Jesuíta contribui para a sedimentação de toda uma idéia e de uma civilização cristã. Uniu, civilizou, amalgamou a unidade de fé, sentimentos, língua, base para a coesão política e social do amanhã.

Reavaliemos, pois, a ação no terreno da saúde dos missionários soldados.

Natural de Sintra, onde nasceu em 1527, com 26 anos embarcou para o Brasil, o Padre Gregório Serrão. Na vila de Piratininga seria enfermeiro e cirurgião, e o primeiro da Companhia que exerceu a flebotomia no Brasil. O segundo foi Anchieta, que assim o conta em 1555: "neste tempo que estive em Piratininga, que foi mais de um ano, servi de albeitar algum tempo, isto é, de médico daqueles índios; e isto foi sucedendo ao Irmão Gregório Serrão, o qual por mandado de Nóbrega, sangrou alguns índios, sem nunca o ter feito se não, então, e viveram alguns dos quais se não tinha esperança, porque outros muitos daquelas enfermidades eram mortos. Partindo-se o Irmão Gregório, fiquei em seu lugar".

Esta carta autografada de Anchieta, aos Irmãos Enfermos de Coimbra, de São Vicente, tem a data de 20 de março de 1555.

Serrão foi o iniciador de uma grande messe de enfermeiros, boticários, físicos que, ao lado da ação missionário e catequista, de mestre-escolas e de civilizadores, deixou em mais de dois centênios uma trajetória inconfundível de trabalho e devotamento.

Incumbem-se do trato de padres e alunos, dos Colégios e Seminários, dos índios nas aldeias, e da escravaria dos sítios, em ermos e quebradas. Não deixaram de acudir, nas doenças particulares, a todos os que acoressem ao Colégio e à Missão. Nas guerras holandesas, di-lo Serafim Leite, o historiador da Companhia de Jesus, tiveram ação relevante. Na lei da Companhia, todos os

aldeamentos de índios dispunham de enfermaria. Quando não era casa à parte, junto da residência, havia sempre Padre ou Irmão com medicamentos para os enfermos. Tinha este, o dever e obrigações de prestar os primeiros curativos de urgência em caso de ferimentos enquanto não se recorresse aos cirurgões nas terras em que os havia. Muitas vezes, e aconteceu no Colégio do Rio de Janeiro, o Reitor adotou providências para ter duas salas, uma para mulheres e outra para o sexo oposto.

Muitos eram cirurgões por ofício, antes de seu ingresso na ordem. Antonio de Sequeira, Domingos Coelho, Pedro Gonçalves, Domingos Fernandes Francisco, tinham carta de habilitação. Com o avançar dos anos, os médicos dos Colégios, ou por amizade ou mediante remuneração eram profissionais externos. Estes, se poucos em número no século XVI, quase não faltaram, embora sempre apoucados, na centúria seguinte. Em Piratininga, porém esta ausência continuou por quase todo o tempo.

Ao lado do cirurgião e do enfermeiro Jesuíta, releva salientar o boticário.

Serafim Leite em monografia lapidar "Artes e Ofícios dos Jesuítas no Brasil", referentes ao período de 1549-1760, data final do injusto banimento, elencou 45 boticários ou farmacêuticos (Pharmacopae) e 111 físicos, cirurgões e enfermeiros tendo trabalhado nestes Brasís.

Portugueses em maior número, ilhéus ou reinóis, encontram-se também filhos da Itálica Península, do Piemonte, de Roma, Benavente, de Saluzzo; da Gália, de Toulon, Lyon e d'outras cidades como Edimburgo e Penafiel e mesmo de Olinda e Maranhão, bem nascidos nas terras de pregação.

JESUITAS, BOTICAS E TRIAGAS

No reinado de Dom José Primeiro em Portugal, a figura de Sebastião José de Carvalho e Melo, futuro Marquês de Pombal, assomou como estadista e como reconstrutor do país, devastado não só pelo "terramoto" de Lisboa como também por mazelas sociais e políticas.

Entre muitas medidas de caráter econômico, salientaram-se a reforma de legislação referente às Minas do Brasil, o estabelecimento da Companhia do Grão-Pará e Maranhão e a emancipação dos índios.

Este período de governo, de 1751 a 1754, revela já a orientação do estadista, 1.º Ministro, mas contém o germe de futuros conflitos entre Pombal e a Companhia de Jesus. No Brasil onde os jesuítas tinham exercido uma obra meritória de penetração e colonização, eram constantes os conflitos entre colonos e as missões. As últimas duas medidas eram um golpe demasiado vivo para os

religiosos da Companhia, para que não reagissem e nelas se filiam os desentendimentos que desde então assinalaram as relações de Sebastião de Carvalho com os Jesuítas e conduziram à sua expulsão de Portugal. De alguma forma influenciaram, também a extinção do Instituto Inacino alguns anos depois.

Esta decisão férrea e intempestiva, era também injusta. Impedia a ação e o proselitismo da Companhia de Jesus, em terras de Portugal e além mar. Esqueciam depressa, em função de interesses nem sempre confessáveis, e em seu desejo de poder imenso e autoritário, a obra dos Jesuítas na terra de Santa Cruz e nos distantes rincões de Goa, Diu e Damão.

Ao Ceilão, a Macau, ao Japão, chegara a catequese de São Francisco Xavier e tantos outros mártires; a conversão dos gentios permitiria ao Governo reinol, uma integração política e social fundamental para a unidade das colônias. O jesuíta contribuía para a sedimentação de toda uma idéia e de uma civilização cristã. Pois bem, com uma penada agora a Companhia de Jesus era discada das terras da Coroa.

A pirataria reinante, Cavendish e Fenton, ingleses, os navios de Dieppe e Saint Malô, as dificuldades de navegação contribuíram para a carência de drogas nos anos após o descobrimento, estendendo-se por muitas décadas. A contingência obrigou o Jesuíta a ter abundante provisão de medicamentos e logo a procurar na terra os que ela podia dar, com as suas plantas medicinais que começaram a estudar e utilizar em receitas próprias.

Exemplo frizante é o conjunto de receitas do Irmão Tristão. A união de tantas Bartiras com o luso e o alienígena, teve no mameluco, denominador comum a imperar no gens e na conduta do novo homem do planalto. O espírito de independência, a altivez, a ousadia, demonstrada em Entradas e Bandeiras, a resistência à intempérie, à fúria dos elementos e da natureza, em parte, vem do Ibérico, escritor da Reconquista ao Mouro, mas precipuamente do Guaicurú e do Timbira, de Guaianazes e doutros Tapuias e Tupis. Ramalho, foi o tronco das enxertias de muito Caiubi, de muito Cunhambebe e de muito Ararigboia.

A herança do conhecimento do valor das raízes e das ervas por eles transmitidas enriqueceu a botica jesuítica já falta dos ingredientes europeus. Os estabelecimentos da Companhia de Jesus em 1706, segundo o testemunho do Capitão Le Roux passageiro de "L'Aigle", fragata Real de Sua Majestade "El Rei de França", comprova que a botica do colégio de São Sebastião do Rio de Janeiro, era "soberba, bem organizada e provida de toda a espécie de drogas co-

mo nenhuma que se soubesse existir em França”. Fornecia a todas as demais da cidade.

Documento de valia real, para estudo da Farmacologia no Brasil, nos meados do século XVIII, é por certo a “Coleção de Várias Receitas”, datada de 1766. O autor da coleção, padre ou irmão, não identificado, pertencia à Assistência de Portugal, e estivera ou passara pelas suas diversas missões ultramarinas, incluindo o Brasil, uma das quatro partes do mundo em que vivera.

Ao tratar da “Triaga Brasília”, escreve que ela se aplica em várias doenças, mas sobretudo como antídoto ou contraveneno “exceto corrosivos”, e era tão famosa e exaltada em seu tempo “senão é melhor que a triaga da Europa”.

Referia-se às elaboradas em Roma e Veneza, boticas fundadas por Santo Inácio de Loyola, a testa das quais se encontravam o médico Padre Baltazar de Torres, o Irmão português Luiz Quaresma e o japonês, Bernardo de Cangoxima, trazido pelos lusos do Oriente e que veio a falecer em Coimbra.

Ao tempo da conquista do Rio de Janeiro (1565), barbeiros da então Capitania de São Vicente e muita mezinha do Colégio dos Campos de Piratininga, foram enviados à Guanabara, segundo recordou Leonardo do Valle.

Estabelecera-se a farmacopéia brasileira; “Só usavam desta, por ser a que nas ocasiões lhe obrava mais prontamente e com mais eficácia”.

Sucedeu com a Triaga Brasília, epistólio que mostra como estavam capacitados da sua eficiência e doutros medicinais, os estadistas “esclarecidos” que promoveram a perseguição geral aos jesuítas. Um dos desembargadores do sequestro na Baía escreve, no ano de 1760, a um ministro da Corte a fim de o comunicar a El-Rei, Dom José:

“Agora sou obrigado a dizer a V. Excia., para ser presente ao mesmo senhor, que tendo eu notícia que havia na botica do mesmo colégio, algumas receitas particulares e entre elas a do Antídoto ou Triaga Brasília, fiz a necessária diligência para que me viesse a mão, antes que fosse de outrem vista pelo justo receio de que se trasladasse ou se desencaminhasse por indústria de quem com eficácia a buscava; o que se não evitaria, faltando a predita cautela que ignora, na inteligência de que poderiam os mesmos padres, ocultar a dita receita, como fizeram aos principais remédios, que em lugar incompetentes foram achados”.

Dizia também que havia na cidade do Salvador quem desse 3 ou 4 mil cruzados pelas receitas, “por ser pronto o seu efeito”.

Encontrou manuscritos de outras receitas que afirma, poderiam não ser vulgares, pois os prelados não as podiam mostrar a ninguém, sob a pena de desobediência.

Medicamentos secretos uns, de livre manipulação outros, ampla era a coleção; incluía receitas de Curvo Semedo, de Castro Sarmento, de Carlos Mussitano, de Manoel dos Santos.

Trocando fórmulas, os colégios de Évora, Macau, Lisboa (Santo Antão e São Roque), Goa, enviavam e recebiam as novas tizanas e mezinhas, incorporando-as às farmacopéias luzitanas e francesas, etc.

Os específicos das boticas do Brasil, eram 62; na Bahia 38, no Recife 7, no Rio de Janeiro 2; fórmulas de caráter empírico, mas foram com o tempo se enfileirando às prateleiras da arte galênica. A quina e o tártaro emético, delinearão períodos, etapas na farmacopéia européia; o uso do último não se fez sem grande oposição da Universidade de Paris.

A pedra Infernal, designação do nitrato de prata, cautério comum dos cirurgiões, era um dos produtos do Brasil. Servia para se abrirem fontes, para exterminar verrugas, para consumir as carnes supérfluas e calosas das úlceras, para outros semelhantes efeitos.

Aviava-se para a sífilis e escorbuto; para o sezonismo e tumores duros; não deixavam de haver apozemas para o histerismo e as apoplexias; para verrugas, lobinhos e cancros não malignos. Específicos para cada enfermidade: do peito, coração, disenterias, varíolas — remédios que se apresentam, não com muita eficácia, mas úteis — para hidropsia, insônias e até mordeduras de víboras.

Em São Paulo a botica era ampla e sediava-se junto ao Colégio. Seguia-se em importância à Igreja, com lugar preponderante junto à biblioteca e ao salão dos Actos ou “Aula Magna”.

Era constituída em geral por uma sala e uma oficina: a loja ou farmácia propriamente dita, onde estavam os remédios à disposição do público, presidida por uma imagem que, habitualmente, era de Nossa Senhora da Saúde (“salus infirmorum”), e a oficina ou laboratório onde se fabricavam os medicamentos.

Um quadro comparativo de 1757, mostra o rendimento pecuniário das farmácias, em estudos romanos; São Paulo com 400 escudos, seguia em ordem a Bahia, 1200, Rio de Janeiro, 600, Recife, 600; Santos tinha renda menor e igual a Olinda, 150.

Não podemos deixar de referir que o colégio do Maranhão, possuiu farmácia flutuante que abastecia os lugares da Costa; foi assim também nesta capitania, em muita penetração com arsenal terapêutico muita vez até acompanhado de Irmão Enfermeiro. Presume-se que em Ubatuba, Bertioga e Cananéia, por certos períodos houve “farmácia flutuante”.

Os mosteiros medievais eram centros de vida agrícola, refúgio e expansão da cultura literária e científica e também

possuiam boticas, únicas no tempo. A Companhia de Jesus, só podia aceitar o paradigma e no Brasil e nesta vila constituíram-se núcleos primitivos não só de cultura religiosa, literária e científica, mas também unidades prestantes de serviços de saúde. É mister e de justiça que se proclame esta ação pioneira.

Por curiosidade enumeremos alguns títulos da “Coleção de várias Receitas e Segredos particulares das principais boticas de Nossa Companhia de Portugal, da Índia, de Macau e do Brasil, Compostas e experimentadas pelos melhores médicos e boticários mais célebres que tem havido nestas partes”: “agoa anti-venérea, chamada de salsa” (autora D. Lourenza); idem no colégio de Recife, do cirurgião Manuel dos Santos; agoa de Milícia, do colégio de Santo Antão; agoa para obstruções e icterícia do Irmão Boticário Manoel de Carvalho; Bálsamos contra a parlesia e bálsamos de fezes de ouro do dito Irmão; apoplético dos colégios de Macau e da Bahia, ótimo para molheres; caçoula admirável do colégio da Bahia; cataplasma contra Esquinência; confecção anti-escorbútica; cozimento para a virgindade perdida; cozimento para adotar gonorréas; emplastro para espinhe-la; emulsão da Escorcioneira; leite virginal, fórmula do Irmão Francisco da Silva, este composto de pedra-ume e fezes de ouro, com vinagre branco; massa para Sezoens; pílulas douradas do colégio de Macau, celeberrimas em todo o reino da Conchichina; pílulas contra flatos hipocôndricos; pílulas contra gallico; pílulas para desecar gonorréas e pílulas para retenção dos meses; pomada contra as dores da Madre; vinho contra sangue pela boca; unguento para calosidades do membro e antisépticos, contra a podridão.

Títulos jocosos ou de muita graça, mas nessas priscas eras ditos e escritos com muita exação e ênfase. Palavras escoreitas, verbos castiços de muito significado no tempo, hoje vocábulos e nomes de muito chiste. Vanitas vanitatem, o que ontem verdade, hoje mera curiosidade, inusitada e muita vez hilariante.

Mas por último duas palavras sobre a Triaga Brasília, antídoto ou Panacéia composta, à imitação da de Roma e de Veneza, de várias plantas, raízes, ervas e drogas do Brasil, que a Natureza dotou de tão excelentes virtudes, que cada uma por si só pode servir em lugar da Triaga da Europa. Com ela “se curão nos Brazis de qualquer peçonha e mordedura de animais venenosos ou também de várias enfermidades, só com mastigá-las”.

Remédio milagroso, panacéia polivalente vale para lombrias, “humor corrupto” que se gere nos intestinos, flatos, pontadas, vômica ou cólica. É útil para a peste e febres malignas, para sufocação da madre, acidentas uterinos, retenção de menstruos, expelir as páreas e para fluxos demasiados e para dezenas de tantas outras... sezões e opilações...

SUPLEMENTO CULTURAL

Quase elixir de longa vida, tem em sua composição dezenas de ingredientes:

“Casca de angélica, do sertão pernambucano;

“Mel de abelhas de Porto Seguro;

“Raiz de abutua de aldeya do Espírito Santo;

“Anhumas dos campos do planalto do São Paulo e Piratininga;

“Raiz do acoro do Reino;

“Raízes de capeba, contra-erva e jaborandi;

“Jarriho, junça, jarro, limoeiro, ore-lha de onça, jerobeba e raízes de angéricó destas províncias dos Brazis;

“Malvarisco, junça e aristoloquia das freguezias e ermos de Portugal e do Algarve;

“Sipó de cobras pindaíba, e ourucú dos sertões destes maranhóens, dos agrestes e recôncavos ricos de muita raiz e de muita maniçaba...”.

Tônico alimpador do sangue, ciência e arte jesuítica, herança dos ameríndios, esforço e obra de muita batina e fruto de muita preia, de muito embate nesta Santa Cruz primoeva, a Triaga Brasília, base da Farmacopéia Brasileira, teria em Augusto de Saint Hilaire, Martius, Spix, Caminhoá, Barbosa Rodrigues e Frei Leandro, continuadores e devassadores dos prodígios miraculosos de um ervanário de grande porte e magnitude...

Na noite dos tempos, mesmo antes do consolidar da nacionalidade, em Portugal, a incipiente medicina, por obra de religiosos já se delineava, denotava os contornos iniciais, com mostras de caridade desprendida nos mosteiros do Lorrão de Santa Cruz em albergarias e abrigos para os gafos, os míseros leprosos. Mezinheiros frades e monges enchem as crônicas quais novos galenos, muito antes do dia feliz de Aljubarrota. Em 15 de maio de 1492, D. João II lançou o marco fundamental do grandioso hospital de Todos-os-Santos no Rossio de Lisboa. Dom Manuel herdou com o trono, os encargos de continuar a obra só concluída em 1501. Amparada pela alma cristianíssima da rainha d. Leonor de Lancastre (1458-1525), mulher de D. João II, surgiu nova instituição. Ainda pouco antes, num descampado, que veio a ser a vila das Caldas da Rainha, fundava o primeiro hospital termal do então mundo europeu civilizado. Logo depois, no ano em que o Gama vai aportar às Índias, instituía ela na cidade lisboeta, na ulisipona, civitas de Ulisses na tradição milenar, a Confraria da Misericórdia, origem primeira da obra emérita da gente portugalense. Na Ribeira surgiu o grandioso edifício para a Misericórdia e logo no milagre da multiplicação outras tantas no Conti-

nente e no ultramar. Inspirada pelo trinitário d’Espanha, frei Miguel de Con-treiras (1431-1505) terão sua disseminação pelo mundo lusiada e alcançam Goa, Diu, Damão, o longínquo Timor e aqui com Brás Cubas, tornou-se a Santa Casa de Santos, a primaz, o marco inicial da caridade cristã em terras de São Paulo.

José de Anchieta viveu em Coimbra, de 1548 a 1551, durante um dos períodos mais agitados da vida intelectual na velha cidade universitária, em plena ebulição da reforma dos estudos humanísticos.

Antonio de Alcântara Machado na “Vida do Padre José de Anchieta”, que serve de “Posfácio”, ao vol. III das “Cartas, Informações, Fragmentos Históricos e Sermões do Padre José de Anchieta”, S. J. escreveu que “em 1550 partiu para Coimbra, a fim de cursar a Universidade”, Anchieta não tinha idade nem preparação para cursar a Universidade — aduz Costa Ramalho, e a data de 1550 não assenta em qualquer documento. Suspeita-se que Alcântara o deduziu de uma frase, bastante ambígua que se encontra na mais breve das duas versões da biografia an-chietana, escrita pelo padre Pedro Rodrigues: “Nos primeiros anos que esteve em Portugal que foram três, foi sempre um vivo exemplo de virtude”.

Pero Rodrigues diz explicitamente que Anchieta foi enviado aos estudos da cidade conimbricense com um seu irmão mais velho, Pedro Nunez de Tenerife das Canárias, de Castela, desde outubro de 1548. (Apud Maria Georgina Trigo Ferreira).

Em Coimbra nos meados do século XVI reúnem-se e vamos encontrar mestres espanhóis, de França, Itália, alemães, atraídos pela remuneração elevada em moedas d’ouro, abundantes na altura, no antigo condado portugalense. Abundam na Universidade e no Colégio das Artes, acabado de abrir, ao chegar o futuro missionário e Santo do Brasil, com seu irmão mais velho Pedro Nunez, filho do primeiro marido de sua mãe e daí a diferença de sobrenome.

Na cidade do Mondego explende, em vértices surpreendentes o humanismo transcendente a incluir sempre, com certezas, princípios e cânones de profundidade, a abarcarem todos os conhecimentos do tempo, inclusos os de medicina, da arte de curar, a física dos dias de então a orientar e formar os físicos e mestres da ciência de Hipócrates.

Peroravam nas cátedras o principal de Guyenne, Arnold Fabrice de Bazas, Arnaldo Fabrício, companheiro de André de Gouveia que explenderá em Paris. Somam-se os franceses Guilherme de Guérente, Nicolau Grouchy e Elias Vinet; os escoceses George e Patrick

Buchanan; os lusos João da Costa, Mendes Carvalho e Diogo de Teive; sem esquecer-se Marcial de Gouveia, seu primo Diogo de Gouveia, o Moçó, André de Rezende e Inácio de Moraes. Lá hão de perorar em sábias lições “Germanus”, alemão ou flamengo, Vicente Fabricio, e o espanhol Juan Fernandez, já um dia professores do Mosteiro de Santa Cruz onde terá estudado Luis de Camões, de quem disse Torquato Tasso, em alusões às grandiloquências dos Lusíadas: se o Gama fora além de Ulisses e de Enéias, o Poeta ultrapassara o seu herói. Na tradução do douto Leite de Vasconcelos, Tasso versejara:

“Mas o ilustre e bom Luís o vôo eterno Ergue tão alto, no explendor da glória Que mais longe foi ao próprio Gama”.

Pois senhores, o clima emocional dos bancos escolares, a fé indômita, os gens de devoções, renúncia, o alcandor da santidade, tudo isso e mais aquilo inclinarão também a alma, os gestos, os trabalhos e a ação para mitigar o sofrimento do que sofre na própria carne ulcerada e chagada. Fugaz, mas marcante a passagem de Anchieta pela antiga Aemínium. Admite-se ter entrado para a Companhia em 1.º de maio de 1552, deixando de freqüentar o colégio das Artes.

Relata o padre Simão de Vasconcelos, que devemos a Misericórdia do Rio de Janeiro ao até hoje venerável Anchieta e logo santo, em 1582. Recolheram-se ao seu hospital, de pronto preparado, os enfermos e os feridos da armada castelhana de Diogo Flores Valdez; então em serviço de policiamento de nosso litoral contra piratas e corsários.

Entrara uma frota no porto, relata Calmon, carregada de tristezas e enfermidades, sem medicina para as tripulações, atacadas de escorbuto, nem alimentos para o prosseguir da viagem, e 153 soldados e marinheiros tinham morrido na travessia do Cabo Verde ao Brasil.

Outros duzentos adoeceram e morreram na bela São Sebastião do Rio de Janeiro. Sarmiento de Gamboa exalta a piedade dos portugueses da Guanabara que sobre a “multidão de desgraçados estenderam cristãmente o manto da misericórdia”. Por mercê de Deus aqui encontravam a “pia misericórdia” ou a Santa Hermandad, como a denominava Cervantes.

Frei Antonio de Santa Maria, no seu “Santuário Mariano”, afirma que foi criada a Misericórdia carioca para atender às centenas de doentes da esquadra castelhana. Anchieta, com a doçura e a santidade que Deus lhe deu, ajudava a curar os enfermos, ministrando-lhes, taumaturgo com forte sabença médica, os remédios, muitas vezes de sua inspi-

ração. Gabriel Soares de Souza contestava-o, proclamando que foi Mem de Sá, fundando a cidade e com ela igrejas, a Santa Casa e seus hospitais.

Calmon cita papel inédito, existente no arquivo das Índias, de Sevilha, em que narra a caridade com que tinham sido tratados e hospedados os marinheiros e os soldados da esquadra de Valdez. O documento proclama que "la confraria de la misericórdia desta ciudad (Rio de Janeiro) hizo lo que pudo. Tudo fué poco por al tiempo haber poco...".

O povo fez o possível para atender o forasteiro na sua miséria e doença. E como não houvesse na terra o suficiente, correram a Santos, o segundo da frota, o Almirante Diego de Ribera, o provedor Esquivel e o Tesoureiro Equino, para arrecadarem farinha e viandas faltantes. Atrás deles seguiram várias embarcações levando sal para a salga de carne. Duzentos bois desceram de São Paulo como informam as atas da Câmara de nossa vila. Quanto a Anchietta alude Valdez à sua maravilhosa ajuda, mas em Santos, não no Rio de Janeiro, e em outubro, não em março de 1582. Na realidade para socorrer os espanhóis, a pobre Misericórdia do Rio construiu às pressas as suas enfermarias junto à praia, ao sopé do morro do Castelo nos mesmos lugares onde se ergueram depois as suas casas hospitalares, em Santa Luzia.

Na Medicina do tempo é de transcendental importância a atuação de barbeiros e iniciados: queimam carnes e amputam gangrenas. Sangram, purgam e tornam a sangrar. Cabe-lhes o direito à sangria, à escarificação, à aplicação de ventosas e sanguessugas e às operações de pequena cirurgia, "indignas de um físico ou cirurgião de qualidade". A sangria é remédio para tudo, e mesmo na prevenção da moléstia e para a conservação da saúde. O erudito e saudoso mestre Alcântara Machado refere que na Constituição de Pombeiro, os monges têm de submeter-se de dois em dois meses à sangria. O fundador do Mosteiro de Tojal determina que mesmo, em saúde, as recolhidas sejam sagradas duas vezes por ano. A trilogia terapêutica de então baseia-se na purga, na sangria e no clister. Molière registrou-a soberanamente:

Clysterium donare

Postea Saignare

Ensuita Purgare

Nesta terra brasileira, discípulos dos físicos metropolitanos repetiram suas usanças. Reinava o apozema, o termocautério, o escarnador, mas a soberana, imperante é sempre a lanceta.

Todo o mal é atribuído "à sobejidão do sangue" e atesta-o o requerimento em que o curador de órfãos de João Gomes pede a reforma das contas tomadas à sua revelia; alegando que não havia comparecido em juízo por motivo da doença, da maneira que foi san-

grado mais de "trinta vezes" e ainda hoje está enfermo.

Acrescentamos nós e ... talvez por isso mesmo.

As epidemias acometiam a todos, selvícolas ou alienígenas: "dearreja geral por homens, mulheres e crianças, causando enorme mortalidade a que se supria na melhor forma que permitiam a ocasião e o País, a uns dando-lhes remédio pela boca, a outros ajudando-se com cristéis e outros remédios que se usavam pela via para impedir a moléstia, de tal que, abrindo-se a via em tal extremo só se cura a poder de pimenta, pólvora e tabaco de fumo".

A moléstia recebia o nome de corrupção ou máculo e o tal bárbaro remédio sacatrapo.

As margens dos caudais, "de escuras águas e epidêmico vapor, eram contínuos cemitérios. No estio, as margens mais secas, pelo desaparecimento das inundações evaporavam o "hálito mais contagioso". Ao labor jesuítico não foram estranhos nomes e receituários, hoje proscritos e que incluíam a pedralipes, salártico, o quintílio, olhos de caranguejos, runs, cristalmontano, catolício e cerotos.

A carne de certas caças, sobretudo antas e cervos servia para caldos, dietas exemplares para o pestoso.

Sá e Faria refere a erva carapiá ou trigueirinho terrestre, singular antídoto contra as febres. Encontração no Tietê, bem como a salsaparrilha. O caiapá do campo, poderoso febrífugo era de eleição da gente paulista primeva. A pimenta malagueta, o gengibre eram remédios heróicos, o mesmo acontecendo com o sacatrapo, terrível medicação retal de aplicação continuada nos pobres pretos e índios, principalmente "por viverem na torreia do sol e na umidade", segundo a fala saborosa do cronista.

De muito apreço a que provinha das raspas dos exporões das anhumas, antídoto de muitos tóxicos e amuleto, de tradição guaianás. A tortura do viandante era o assalto de miríades de dípteros vorazes, sedentos de sangue e linfa. Os borrachudos, o pernilongo, o mosquito pólvora, aluviões de muriçocas, afligiam sempre o habitante da vila, das várzeas e das beiras das ribeiras e riachos.

Os ferrões contudentes com arestas, tornavam a sua agressão atroz. Tais savandijas, ocasionadoras de um novo suplício de tântalo, vez ou outra eram devoradas por certas borboletas que as degustavam e afugentavam, como que a serviço do homem.

O bicho do pé, variadas espécie de carrapato, mutucas, marimbondos, barrafogos e caçunungas, micuins em sarabandas e danças infernais, acarretavam dor e persistentes inflamações. O remédio era mesmo esfregar caldo de tabaco de fumo ou sarro do pito, pelo menos a oferecerem algum alívio.

As legiões aladas da selva e da ma-

ta, tornavam difícil a noite colonial; e eram acrescidas do enxame de vespas, de aracnídeos, da formiga e de asquerosos bernes e de uns "bichos felpudos e nojentos", no registro dos coevos, talvez larvas ou crisálidas de himenópteros e borboletas.

Muita coceira, muita vermelhidão e muito prurido inquietou profundamente o avô nos dias coloniais. Temos de concluir que não eram tranqüilos os dormires do tempo, junto aos alagados e ao brejal que quase sempre, no espraído das águas de ribeirinhos e correntes, cercava os esboços de chácaras e o rude casario da vila. Não deixaram boas lembranças as renações dos insetos dos rios Saracura, Anhangabaú, Anhembí e Tamanduateí.

Da noite da História, dos primeiros dias dos séculos iniciantes, do antanho e d'outrora surge a Companhia de Jesus e o Santo Anchietta, também físico, albeitar, enfermeiro a distribuir a ipeca, a cephalis ipecuacanha; a dirimir febres, dores do peito, cólicas, dor de pedras, quenturas, boubas contagiantes, moléstias eruptivas, varíolas devastadoras, corrupções pestilenciais, síndromes disenterícos, os males dos membros secretos; os envenenamentos por mordeduras de víboras, e doutros animais peçonhentos; sempre e sempre, curando, amando, solidarizando-se.

De volta à Piratininga apontou certa vez o não menos Santo Nóbrega, "muito doente, magro, pernas cheias de apostemas, com cara e pés inchados". Aliou-se logo ali de seus males pelas "bondades da terra" e logo pode "andar os caminhos visitando a todos, e com isto se fez mais são que quando repousava".

O jesuíta, instrumento da Vontade Divina, iniciou a saga formidanda da Medicina: aqui nestes campos de São Paulo de Piratininga, tudo começou, como já vos disse, com Anchietta e veio terminar num apostolado não menos meritório com Arnaldo Vieira de Carvalho e seus seguidores e discípulos!

Anchietta, Santo José de Anchietta, também marco inicial na Medicina, do simbolismo magnífico nestas terras da ação da Divina Companhia de Jesus!

DEPARTAMENTO CULTURAL

Dr. Duílio Crispim Farina
presidente

Prof. Fábio Schmidt Goffi
Prof. Paulo Schmidt Goffi
Prof. João Carvalhal Ribas
Prof. Sílvio Marone
Prof. Mateus Romeiro Netto
Prof. Plínio de Toledo Piza
Dr. Adolfo Coelho de Souza
Dr. José Olímpio Almeida Senna
Dr. Luciano Endrizzi
Dr. Orfeu G. D'Agostini
Dr. Marcelo Almeida Toledo
Dr. Walter Pinheiro Guerra